

# Mulheres negras seguem propondo uma sociedade mais justa e plural, por Djamila Ribeiro

*A transformação está em curso, fruto da luta histórica das mulheres de Benguela a Bairros*

[\(Folha de S. Paulo | 23/07/2020 | Por Djamila Ribeiro | Acesse o artigo no site de origem\)](#)

Dia 25 de julho é Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. A data é celebrada desde 1992, quando realizado o primeiro Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhos em Santo Domingo, capital da República Dominicana, e marca a resistência e luta internacional da mulher negra no continente. No Brasil, também é celebrada nessa data Teresa de Benguela, líder quilombola de Quariterê no século 18, região de atual fronteira da Bolívia com o estado de Mato Grosso, onde era rainha coroada da comunidade de negros e indígenas.

A homenagem a Teresa de Benguela decorre da Lei 12.987 de 2014, sancionada no mandato da presidenta Dilma Rousseff. O legado da rainha é cada vez mais exaltado e presente em nossa sociedade. Como canta o samba da Barroca Zona Sul, campeã do grupo de acesso de 2020 no Carnaval paulista: “O nosso canto não é apenas um lamento/ A coragem vem da alma de quem ergueu o parlamento/ Do castigo na senzala à miséria da favela/ O povo não se cala, oh Tereza de Benguela/ Vem plantar a paz por essa terra/ A emoção que se liberta/ E a pele negra faz a gente refletir/ Nossa força, nossa luta/ De tantas Terezas por aí”.

Nesse dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha gostaria de trazer algumas reflexões para vocês. Historicamente, nascer negra no Brasil é nascer marcada. “Nós carregamos a marca”, afirmou Luiza Bairros, grande intelectual negra brasileira, cuja morte completou quatro saudosos anos neste último dia 12 de julho. A marca é trazida também na canção “Maria, Maria”, de Milton Nascimento, verdadeiro hino das mulheres negras brasileiras, quando canta: “Mas é preciso ter força/ É preciso ter raça/ É preciso ter gana sempre/ Quem traz no corpo a marca/ Maria, Maria/ Mistura

a dor e a alegria”. Tal marca pode ser mais presente a depender do quão indisfarçável é a negritude, como também de quantas camadas se reveste de negro. Outro dia estava em uma live com Sidnei Nogueira, babalorixá e doutor em semiótica pela USP, quando ele me contou sobre as camadas. O sacerdote observou que, quanto mais camadas de negro você assume, mais perseguido você será. Uma mulher negra, de candomblé com as contas à mostra, com seus cabelos assumidos, sua postura altiva de queixo erguido e sem culpa se reveste de camadas suficientes para despertar incômodos onde quer que passe. Porém há um outro lado: desperta também inspiração e desengasga o grito de axé preso pelas máscaras de silêncio do colonialismo. A transformação está em curso, fruto da luta histórica de mulheres negras de Benguela a Bairros, na incessante e organizada luta pela manutenção da comunidade negra, apesar de tantos pesares nesse país colonial. Muitas de nossas crianças negras não passam químicos no cabelo, não se submetem a rituais de queima do couro cabeludo. Muitas se veem representadas em algum espaço, muitas não lavarão privadas de escritórios ou cuidarão dessas crianças brancas enquanto as suas ficam sem cuidado. 1 / 7 Mulheres negras que marcaram o mundo acadêmico Valerie Thomas (Nascida em 1943) – Cientista, patenteou um equipamento que chamou de transmissor de ilusão, hoje conhecida como tecnologia 3D NASA É sabido, contudo, que há muito mais a ser denunciado e transformado. Não é possível vivermos num país que mantém os maiores índices do mundo de feminicídio dessas mulheres; num país onde o abandono paterno seja tão comum e naturalizado, ao passo que essas mulheres morrem aos montes vítimas da criminalização de seus corpos em abortos femininos em todo o país. É necessário discutir abuso sexual infantil, uma prática muito mais comum do que se imagina, como também visibilizar os “filhos do feminicídio”, as crianças que ficam órfãs de suas mães assassinadas pelo homem que vai preso ou vai embora. É necessário discutir a explosão carcerária feminina nos últimos anos pela falida e criminosa política de drogas desenvolvida no país. É necessário visibilizar os filhos do cárcere, crianças que perdem suas mães para julgamentos draconianos e não têm qualquer encaminhamento do Estado, entre outros temas urgentes e necessários. É necessário discutir políticas públicas de habitação, saúde, educação para essas mulheres, programas de renda que quando são a elas destinados beneficiam toda a comunidade. São temas inesgotáveis para um artigo, o que mostra que estamos num caminho, mas há muito ainda a ser transformado. Nesse dia de reflexão, denúncia e celebração da resistência da mulher negra no continente, termino o texto saudando as mulheres mais velhas, mulheres de minha geração e mulheres mais jovens por essa excepcional capacidade revolucionária da mulher negra, a qual mesmo sob

tantas adversidades segue propondo um novo modelo de sociedade mais justa e plural.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

# **Inscrições abertas para o “Seminário Mulheres Negras Empreendedoras” - Brasília/DF, 25/07/2019**

Estão abertas, a partir desta quarta-feira (10), as inscrições para o “Seminário Mulheres Negras Empreendedoras”. Uma iniciativa do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), por meio da Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SNPIR) e Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres (SNPM), o evento será realizado em Brasília, no Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha - celebrado em 25 de julho.

[\*\*\(MMFDH, 10/07/2019 - acesse no site origem\)\*\*](#)

Para participar, basta preencher formulário com nome completo, documento de identificação e e-mail. As palestras vão abordar temas como o empreendedorismo entre mulheres negras, passando por experiências de vida, dicas para empreendedoras e falas a respeito de linhas de crédito.

[\*\*Acesse o formulário de inscrição\*\*](#)

## **Seminário**

Estarão presentes as titulares da SNPIR, Sandra Terena, e da SNPM, Cristiane Britto. O evento também terá a presença da palestrante Talitha Oliveira, que é produtora da TV Justiça, professora de moda do SENAC e

consultora de imagem. Representantes do SEBRAE e da Caixa Econômica Federal completam a lista de participantes.

A secretária da SNPIR ressalta a importância da ação. “Estamos vivendo um momento no Brasil em que a valorização da mulher se faz imprescindível. Faz-se necessário reconhecer a força e a capacidade que nós, mulheres, temos”, afirmou Sandra Terena.

“A população negra enfrenta muitos desafios em nossa sociedade e a mulher negra ainda mais. Valorizando e promovendo o empreendedorismo dessas mulheres, queremos reforçar o compromisso do MMFDH e da SNPIR com a igualdade étnico-racial”, concluiu a secretária.

**Serviço:**

**Seminário Mulheres Negras Empreendedoras**

**Data:** 25 de julho (quinta-feira)

**Horário:** 14h às 18h

**Local:** auditório do subsolo, bloco “A”, Esplanada dos Ministérios - Brasília/DF

---

# **Ouçam as vozes das mulheres negras para a necessária transformação da sociedade e do Estado, alerta Jurema Werneck**

*(Débora Prado/Agência Patrícia Galvão, 25/07/2017)* Reconhecer as vozes das mulheres negras como centro do diálogo sobre uma nova sociedade

e um novo Estado é fundamental e urgente.

“Elas não estão dizendo alguma coisa que vá trazer seus filhos assassinados de volta, elas já os perderam e perderam para sempre. O que elas estão trazendo é uma proposta de como o Estado pode ser diferente, como a polícia pode ser diferente, como a sociedade pode ser diferente. Ou seja, é uma proposta extremamente generosa”. A explicação é da ativista antirracista Jurema Werneck, que na sua trajetória de vida e luta acumula décadas de experiência e respeitabilidade, como integrante da ONG Criola, médica, doutora em Comunicação e Cultura e atualmente diretora da Anistia Internacional no Brasil.

A voz de Jurema tem repetido, em ações, falas, textos e formulações eloquentes, aquilo que o racismo invisibiliza: são as vozes das mesmas mulheres negras que estão no centro da resistência ao racismo patriarcal - por serem justamente as mais intensamente expostas às suas consequências violentas e violadoras - que devem ser ouvidas pelo muito que têm a ensinar para a construção de uma sociedade mais justa e menos violenta.

Suas reflexões vão ao encontro das reivindicações da Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, que neste 25 de julho realiza o [ato “Mulheres Negras e Indígenas por nós, por todas nós, pelo Bem Viver”](#). A manifestação acontece no Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e também Dia Nacional de Tereza de Benguela - uma data que une as mulheres negras internacionalmente ([saiba mais](#)).

Jurema Werneck esteve em São Paulo em 18 de julho, para uma participação no 11º Encontro Anual do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. A entrevista foi concedida à *Agência Patrícia Galvão* após sua participação na conferência internacional realizada por Tracey Meares, professora de Direito na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, e também mulher negra, que falou sobre o tema *‘Atuação policial, legitimidade e confiança nas polícias’*.

Tracey Meares destacou em sua fala como a atuação policial impacta não só na relação da sociedade com o Estado, mas possui também um poder ‘educativo’ que impacta na relação dos membros da sociedade entre si. Ou

seja, uma polícia violenta alimenta relações sociais violentas. Ao interagir com a conferencista, Jurema Werneck trouxe quatro casos de jovens negros assassinados por agentes de forças policiais, que são acompanhados pela Anistia Internacional: [Maicon de Souza Silva](#), 2 anos, morto em 1996 durante uma operação policial na favela de Acari, Rio de Janeiro; [Gary Hopkins](#), morto aos 19 anos em 1999 pela polícia de Maryland, nos Estados Unidos; Fabrício dos Santos, filho de Gláucia dos Santos, assassinado aos 17 anos por autoridades policiais em um posto de gasolina em Guadalupe (Rio de Janeiro) na virada de 2013 para 2014; e Nakiea Jackson, morto em 2014 pela polícia de Kingston, capital da Jamaica ([leia mais sobre os casos](#)).

“São quatro histórias de crianças e jovens negros mortos pela polícia, de familiares que se tornaram ativistas pelo fim da violência, pela punição dos assassinos e pela transformação da polícia. Nossa região, a americana, é extremamente violenta”, pontuou Jurema Werneck, ressaltando que as políticas públicas da região não atuam da mesma forma em relação à proteção da vida de brancos e negros. Nesse cenário, Jurema destaca que é preciso dar centralidade para a voz das mulheres negras, que muito têm a dizer para a construção de uma sociedade menos racista e violenta em um continente marcado pelo colonialismo, a escravidão e o seu nefasto legado: o racismo patriarcal.

### ***Confira a entrevista:***

***Você disse durante a conferência que é preciso ouvir as vozes das mulheres negras, que elas têm muito a ensinar para uma polícia e um Estado mais humanizado. O que essas vozes estão repetindo que a sociedade não está ouvindo?***

Primeiro, essas vozes estão falando bem alto que a polícia está matando meninos e meninas negros e negras nas favelas, nas periferias, em todos os lugares. Elas estão dizendo também que há um fenômeno escondido, ou pouco tratado pelo Estado, que é o racismo, o racismo patriarcal, que não apenas elimina os jovens e as jovens, mas também invisibiliza ou não ouve o que precisa ouvir das vozes das mulheres negras. Porque elas não estão dizendo alguma coisa que vá trazer seus filhos de volta, elas já os perderam e perderam para sempre. O que elas estão trazendo é uma proposta de como o

Estado pode ser diferente, como a polícia pode ser diferente, como a sociedade pode ser diferente.

Ou seja, é uma proposta extremamente generosa, porque, como eu disse, o que elas já perderam não vão recuperar nunca mais, mas elas mostram que existe um caminho para além da vingança, tem um caminho que significa justiça, e fazer parte da justiça é dar centralidade a essas vozes, ouvir essas mulheres que são mulheres negras, que são em sua maioria mulheres de favela e da periferia, que têm uma proposta de um mundo diferente e que precisam ser ouvidas.

***E qual é o papel das instituições no enfrentamento ao seu racismo institucional, que é quebrar de fato essa invisibilidade e se comprometer com essa pauta para além do discurso?***

É fazer. Enfrentar o racismo institucional só se faz enfrentando. Primeiro, tem que reconhecer que o racismo está lá - em uma sociedade racista, um país racista, um continente racista, o racismo está lá. Então, é preciso enfrentar, e de diferentes formas. Reconhecer implica dizer que as autoridades, ou melhor, que a opinião institucional tem que ser abertamente e explicitamente colocada em favor do enfrentamento ao racismo. É preciso também criar mecanismos internos: diferentes setores, políticas e ações, diferentes formas de dialogar com a sociedade, informar e prestar contas do que está fazendo.

E, no caso das polícias, é preciso de fato interromper imediatamente esse confronto entre Estado e comunidade negra, em especial a população jovem negra. E, por fim, é preciso se juntar à luta que parte da sociedade já está fazendo. Os movimentos negros e os movimentos de mulheres negras, a população indígena, a população de favela já estão lutando. É preciso se juntar e não se opor a essas lutas. Tem que trazer essa inteligência, tem que trazer essas metodologias para dentro, para construir políticas que tenham mais a cara da população. Ou seja, tem que fazer muita coisa, mas é isso: tem que fazer.

***E é importante respeitar esse protagonismo, certo?***

Sim, com a mulher negra no centro, porque é a mulher negra que está fazendo esse movimento. Isso vale para o Brasil, a Jamaica, os Estados Unidos e vários países do continente: as mulheres negras estão fazendo. Então, é central, é fundamental e é urgente trazê-las para o diálogo e para informar as ações que as instituições têm que fazer.

***Por fim, você comentou durante a conferência sobre a taxa de mortalidade da população negra e no [Mapa da Violência 2015](#) vimos que também aumentou a morte violenta de mulheres negras - em 54%, enquanto a de brancas caiu 9,8% - mesmo com a Lei Maria da Penha em vigor no Brasil, que é considerada uma das mais avançadas do mundo. Esses números são reflexo do racismo estrutural e institucional no país?***

Sim. O racismo está presente inclusive na Lei Maria da Penha, quando exclui o enfrentamento ao racismo dos seus mecanismos de proteção à vida das mulheres, que, assim, está deixando de fora esse contingente de mulheres que segue sendo extremamente vulnerável, que segue sendo assassinado apesar da Lei, apesar de uma política pública que foi construída com todas as mulheres. A [Lei Maria da Penha](#) foi construída no debate com todas as mulheres, mas na reta final a política pública acabou não incorporando aquelas que estão mais expostas, não incorporando o enfrentamento ao racismo institucional. O processo de criação e de implementação da Lei Maria da Penha tem muito a ensinar, mas a primeira lição é que é preciso enfrentar o racismo.

---

# **Mulheres negras marcham em Copacabana pelo fim do**



# preconceito racial

*(O Globo, 26/07/2015) Evento reuniu dezenas de participantes na manhã deste domingo*

Dezenas de mulheres participaram neste domingo da Pré-Marcha das Mulheres Negras 2015, na Avenida Atlântica, em Copacabana. A mobilização, feita em função do Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha comemorado no sábado, pediu o fim de episódios racistas no país.

A caminhada começou ao fim da manhã no Posto 1, no Leme, e seguiu em direção a Copacabana, com as participantes empunhando faixas e cartazes contra a discriminação.

- Exigimos medidas concretas para garantir melhorias sustentáveis e promover nossa qualidade de vida. Essas mudanças são fundamentais para o futuro das mulheres negras e toda a sociedade brasileira - disse a coordenadora do evento, Clátia Vieira.

A caminhada deste domingo serviu como uma espécie de prévia para a Marcha de Mulheres Negras 2015 Contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver, uma mobilização nacional que vai acontecer no dia 18 de novembro, em Brasília. Desde julho do ano passado, mulheres negras vêm organizando encontros em diversos municípios do estado do Rio, já articulando as lideranças para participação na edição nacional.

***Acesse o PDF: [Mulheres negras marcham em Copacabana pelo fim do preconceito racial \(O Globo, 26/07/2015\)](#)***

---

## Mulheres negras enfrentam

# problemas semelhantes na América Latina

*(Agência Brasil, 25/07/2015)* Cerca de 200 milhões de pessoas que se identificam como afrodescendentes vivem na América Latina e no Caribe, o que corresponde a 30% da população dessas regiões, conforme estimativa da Associação Rede de Mulheres Afro-Latinas, Afro-Caribenhas e da Diáspora (Mujeres Afro). Apesar do número, os negros são os mais afetados pela pobreza, marginalização e pelo racismo, em especial as mulheres.

No Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha, celebrado hoje (25), e no primeiro ano da Década Internacional dos Afrodescendentes, instituída pelas Nações Unidas, os problemas enfrentados pelas mulheres negras ganham visibilidade.

Levantamentos de alguns países mostram essa situação. Em Porto Rico, por exemplo, estudo mostra que um homem branco com ensino superior tem 89% mais chances de entrar no mercado de trabalho. No caso das mulheres negras, o percentual é menor: 60%. No Uruguai, a taxa de desemprego chega a 7%, mas entre as mulheres negras sobe para 14,3%.

A situação das mulheres negras foi discutida entre os dias 26 e 28 de junho em Manágua, na Nicarágua, durante a 1ª Cúpula de Lideranças Femininas Afrodescendentes das Américas.

O documento Plataforma Política, preparatório para a cúpula, aponta que “se assume que a situação de marginalização e exclusão socioeconômica que vivem as populações afrodescendentes se deve mais à situação de classe do que ao próprio racismo, que sustenta a ideia de que se forem alcançados níveis socioeconômicos mais altos não se teria barreiras para a mobilidade social e, portanto, não seriam vítimas de racismo. Sobre esta base está instalada a ideologia da democracia racial que invisibiliza as diversas maneiras em que o racismo se expressa de forma subterrânea mas devastadora”.

“Nós, mulheres negras, pertencemos a uma mesma comunidade de destino.

Foi possível evidenciar mais uma vez que racismo, sexismo, lesbofobia, fundamentalismos são os mesmos vetores que movem a dominação e a exclusão de milhões de mulheres negras no Continente”, disse Nilza Iraci, coordenadora de comunicação do Geledés - Instituto da Mulher Negra, que participou da cúpula.

A coordenadora relatou que, durante a cúpula, foi possível perceber as semelhanças nas condições das mulheres negras. “Um exemplo clássico é verificar as falas da palanquera, da Colômbia; das quilombolas, do Brasil; e das garífunas, na América Central. Juntas falam de problemas e vivências semelhantes, como se fosse uma comunidade única. Também pode ser verificado entre as jovens da região, falta de oportunidades, emprego e perspectivas; e em todas as mulheres que vêm sendo vitimizadas pelo avanço dos fundamentalismos religiosos que tentam legislar sobre seus corpos e sua sexualidade. Ou seja, esses fatores formam um caldo de cultura onde a mulher negra é a mais vitimizada”.

## **Brasil**

Para a representante da Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres no Brasil, Nadine Gasman, o Brasil se destaca na América Latina por ter políticas públicas e instituições oficiais de combate às desigualdades, como a Secretaria de Política para as Mulheres (SPM) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir).

“Nós falamos muito em acelerar os processos para garantir que essas diferenças diminuam em um tempo rápido, porque são brechas históricas que têm que se fechar. Mas as políticas públicas, o Bolsa Família, Minha Casa, Minha Vida, o Pronatec, o Brasil sem Miséria têm sido políticas muito importantes que têm mudado a cara e a inserção das mulheres negras no Brasil de uma maneira muito importante”.

No entanto, a representante reconhece que as mulheres negras estão atrás nos [indicadores sociais e econômicos](#) do país. “Por exemplo, em termos de pobreza, a população negra é mais vulnerável, sete em cada dez casas que recebem o Bolsa Família são chefiadas por negros, sendo que 37% das casas são chefiadas por mulheres. Temos entre mulheres brancas um desemprego

de cerca de 9%, entre as mulheres negras ultrapassa 12%. Outra área que vale a pena ressaltar é o tema da renda. As mulheres negras recebem 42% do salário dos homens brancos. É muito chocante elas receberem menos da metade do salário dos homens brancos”.

Para Nilza Iraci, do Geledés, o maior avanço no país foi a organização dos movimentos sociais, já que “os indicadores sociais têm demonstrado que, apesar da conquista de políticas públicas, elas não têm sido capazes de transformar a realidade e a vida de milhares de brasileiras”.

A Secretaria de Políticas para as Mulheres destaca que o governo federal tem implementado, na última década, diversas políticas voltadas à promoção da igualdade das mulheres negras, como o Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça, a aplicação da Lei Maria da Penha e o enfrentamento da exploração sexual e do tráfico de mulheres.

Para este ano, a secretaria deverá criar um grupo de trabalho para atender mães que perderam os filhos, vítimas de violência. Em novembro, será realizada a 1ª Semana das Mulheres Negras no Mês da Consciência Negra e uma consulta nacional a quilombolas e afrodescendentes para a 4ª Conferência Nacional de Política para Mulheres.

*Akemi Nitahara; Edição: Carolina Pimentel*

***Acesse no site de origem: [Mulheres negras enfrentam problemas semelhantes na América Latina \(Agência Brasil, 24/07/2015\)](#)***

---

**Cine Cora Coralina neste sábado,  
25/07, em homenagem ao Dia da**

# **Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha - São Paulo/SP, 25/07/2015**

Sábado, 25/07, é dia de comemorar o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, Dia de Tereza de Benguela!

A Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres (SMPM) aproveita a data para promover debates, rodas de conversa e outras ações que reflitam sobre a situação da mulher, em especial a mulher negra.

Entre as atividades promovidas estão o Cine Cora, sessão de filme e roda de conversa na Biblioteca Temática Feminista Cora Coralina, neste sábado, a partir das 13h.

O filme escolhido para a data foi Histórias Cruzadas, classificado como uma comédia dramática que tem como enredo a história de uma garota escritora que passa a entrevistar as mulheres negras da cidade que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca.

Logo após a sessão, haverá roda de conversa com a presença de Adriana Souza e Ana Isidoro, da SMPM, Maria Lucia da Silveira, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) e representante da Secretaria Municipal de Políticas para Igualdade Racial (SMPIR).

Você não pode perder. Divulgue. Participe! A Biblioteca Temática Feminista Cora Coralina fica na rua Otelo Augusto Ribeiro, 113 - Guaianases.

**biblioteca**  
**mática** feminista  
cora coralina

**CINE-FEMINISTA**  
**NA CORA DIA 25/07**

**DIA DA MULHER NEGRA**  
**LATINO AMERICANA**  
**E CARIBENHA**

Venha assistir e  
debater o filme

Em comemoração ao Dia 25 de Julho,  
Dia da Mulher Negra Latino-  
Americana e Caribenha, a Biblioteca  
Temática Feminista Cora Coralina vai  
exibir o filme "Histórias Cruzadas",  
seguida de roda de conversa, das 13 às  
16h. Coordenarão a roda de conversa  
Adriana Souza e Ana Isidoro, pela  
SMPM; Maria Lúcia da Silveira, pela  
SMDHC, e representante da SMPPIR.



***Histórias Cruzadas*** - Classificado como comédia dramática é baseada no romance "The Help" da escritora americana Kathryn Stockett  
*The Help*, EUA, 2011, 146 min., DVD  
Direção: Tate Taylor  
Elenco: Emma Stone, Jessica Chastain, Viola Davis